



Do nosso sangue e leite - alimentos para a vida humana!

Essa semana tive a oportunidade de assistir o documentário "Colheitas do Futuro", na excelente TV pública, a TV Brasil! Neste programa são apresentadas diversas experiências a partir do relato de agricultores, experts, economistas e militantes em busca de experiências bem-sucedidas em relação à agricultura tradicional. Ao longo dos programas foram colocadas várias alternativas à agricultura industrial, que é baseada no intenso uso de pesticidas químicos ou em alimentos geneticamente modificados. Entre estas alternativas, destacam-se a agricultura familiar e a agroecologia. Com um sexto da população mundial passando fome, segundo estatísticas da ONU, uma mudança de paradigma na agricultura se faz urgente.

Ressalta-se que, segundo a FAO, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, a produção atual de alimentos, ultrapassa a necessidade de atender 12 bilhões de pessoas! E somos "apenas" 7,5 bilhões!!! Isso significa que uma grande parte da produção agrícola

não é de alimentos para seres humanos e que há um grande desperdício, pois a prioridade da indústria e de muitos governos, inclusive, é o lucro e não minimizar a miséria e a fome. O modelo do agronegócio não produz alimentos e sim "commodities" - combustíveis, ração animal, etc. - a custa de uso intensivo de pesticidas e adubos químicos, sem falar na destruição de florestas, contaminação dos recursos hídricos, do ar, do solo... poluição e doenças associadas de todos os tipos. Lembrando que os problemas advindos desse modelo, são públicos, enquanto que os lucros, são privados!

Nesse momento, comentei uma parte que me chamou muito a atenção. Em quase todos os lugares visitados pela diretora Marie Monique Robin, a opção de mudança de modelo de produção foi das mulheres! Nos diversos países, da África ao Japão e Europa, elas, com uma insistência e teimosia "tipicamente femininas" fizeram com que seus maridos começassem a mudar a forma de enxergar alternativas, não só pela questão dos pesticidas, mas principalmente pela busca da autonomia. Ao longo do

documentário, percebe-se os produtores em crescente dependência em relação a pacotes "tecnológicos", além de compartilhamento de experiências, ou seja o conhecimento construído é plenamente distribuído e participativo.

Também foram as mulheres consumidoras que, numa interação com os produtores, começaram a exigir uma melhor qualidade desses produtos que, ao final das contas, alimentam seus filhos e suas famílias.

Fui dormir, com a sensação de que, apesar das mulheres serem hoje, em todo o mundo, violentadas, discriminadas, degradadas, devemos ter a esperança de que a melhoria da qualidade de vida, para toda a população, só ocorrerá a partir do empoderamento das mulheres. Afinal, o primeiro alimento, vem do sangue e do leite de cada mãe que cria seus filhos, futuros homens e futuras mulheres.

Quem sabe, podemos, a partir da organização de nossas mulheres, aqui, localmente, buscar uma vida melhor, sobretudo mais saudável e sustentável? Desafio lançado!